

O ABANDONO DE ESTAÇÕES FÉRREAS EM SANTANA DO LIVRAMENTO E RIVERA NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAY

VANESSA FORNECK¹; EDUARDO ROCHA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – vanessaf.ufpel@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A extinção do transporte de passageiros no período ferroviário, por volta da década de noventa, ocasionou o abandono das estações férreas. Com o tempo muitas estações ficaram esquecidas e, por consequência, criaram-se em seu entorno territórios ociosos. Este trabalho busca aproximar as práticas profissionais da arquitetura e urbanismo com as discussões da filosofia da diferença¹ para compreender o que pulsa nesses territórios minorizados, que fazem parte das cidades, mas que muitas vezes acabam à margem de políticas públicas do planejamento urbano. Desta forma, foi realizado um recorte da pesquisa de dissertação da autora², apresentando o caso das cidades-gêmeas de Santana do Livramento e Rivera.

Os conceitos que se articulam com a temática proposta são extraídos de pesquisas realizadas sobre as “arquiteturas do abandono” por Rocha (2010), que analisam as potencialidades e fraquezas que essas edificações provocam na cidade. Esses potencializam um olhar para os lugares não comuns, o diferente, o múltiplo e o complexo, os espaços do abandono na cidade. E, de certa forma, os lugares que fogem das estruturas pré-consolidadas e hegemônicas fortalecidas pelas lógicas capitalistas (DELEUZE; GUATTARI, 2011).

Como inovação para o estudo, será aplicado o método da cartografia dos sentidos, que tem como premissa mapear os processos de um acontecimento. Capta as diferentes sensibilidades em um território, por meio de um olhar sensível e atento enquanto pesquisadora-cartógrafa-arquiteta-urbanista, que invade um território-outro na fronteira. Tudo isso, com o objetivo de mapear e analisar os territórios do abandono das estações férreas nas cidades de Santana do Livramento e Rivera na fronteira Brasil-Uruguai, relacionando o patrimônio edificado com as práticas cotidianas vivenciadas. Para assim, responder: o que pulsa nesses territórios do abandono para que esses espaços ganhem visibilidade nas políticas de planejamento nas cidades? Dessa forma, busca-se revelar as potencialidades encontradas nesses territórios, a fim de indicar pistas que visam contribuir para que futuros projetos de intervenção sejam planejados a partir das dinâmicas e subjetividades que se encontram nesses espaços.

2. METODOLOGIA

O método utilizado foi a cartografia dos sentidos, que traz a proposta de elaborar mapas que revelem as subjetividades em um território, a partir de um

¹ A Filosofia da diferença se originou com os escritos de Nietzsche e, posteriormente, influenciou o pensamento de diversos autores do século XX, como Deleuze, Guattari, Derrida e Foucault.

² Dissertação de mestrado em andamento na linha de Urbanismo Contemporâneo, da FAUrb/UFPel, intitulada: Abandono de estações férreas: cartografia dos sentidos na fronteira Brasil-Uruguai. O presente trabalho tem o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

olhar sensível e atento às potencialidades encontradas. É aquilo que é visto, sentido, ouvido, mas muitas vezes não é registrado em um mapa. São mapas do heterogêneo, mapas qualitativos que podem se sobrepor a outros tipos de mapas, trazendo infinitas possibilidades de análise de uma realidade.

Para isso, é necessária a aproximação do sujeito com o objeto pesquisado. Ocorre um mergulho no plano da experiência, a fim de capturar as inferências coletivas que atravessam um campo de pesquisa (PASSOS & BARROS, 2015). O procedimento adotado traz a Pedagogia da Viagem como forma de explorar um território desconhecido, propondo caminhar pelas frestas, pelas bordas das cidades, pelos lugares que fogem dos percursos habituais (ROCHA et al, 2017). São territórios que geram potência, por serem causadores de sensações únicas, que fogem das estruturas consolidadas das cidades.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os preparativos da viagem começam com antecedência, é preciso planejar bem o que será levado na mala, a fim de garantir uma coleta de dados satisfatória. A viagem foi realizada de 5 a 8 de dezembro de 2019, por três viajantes que embarcaram no ônibus com destino à Santana do Livramento. O cronograma da viagem foi organizado para contemplar dois projetos de pesquisa localizados na fronteira Brasil-Uruguai. No dia 7 de dezembro, ocorreu a caminhada em direção à estação férrea de Santana do Livramento. Era sábado de manhã, um dia ensolarado e quente. A cidade apresenta topografia acidentada. De longe, na descida de uma ladeira já era possível avistar a Estação (Figura 1).



Figura 1: Estação de Santana do Livramento, Brasil. Fonte: Autora, 2019.

O entorno era silencioso, exceto pelo vai e vem dos automóveis da auto escola que utilizavam o local para a prática de direção. Diante da Estação foram depositadas galerias de concreto, local provisório conforme relato de um morador, pois estavam ocorrendo obras de infraestrutura no bairro ao lado. Na frente da Estação, havia uma pequena praça com grama alta, alguns bancos de concreto danificados e uma fonte desativada – no lugar da água, concreto. A Estação recebeu um novo uso, abriga o Centro Cultural Ferroviário e o Museu David Canabarro. No dia da semana em que visitamos não havia expediente. O cenário que predominava era o de pausa, silêncio, melancolia. Havia uma sensação de abandono, a maioria dos prédios do entorno fechados. A vegetação rasteira crescia entre os trilhos e pelos galpões abandonados que faziam parte do

complexo ferroviário. Um intervalo no tempo, um território no aguardo. Não se sabe de quê, mas enquanto aguarda, vai se deteriorando com o tempo.

Depois de algumas horas explorando a área, era hora de seguir para o outro destino: a estação de Rivera, no Uruguai. O trajeto foi realizado à pé, em direção à outra borda da cidade. As estações ficavam distantes da linha de fronteira, era uma caminhada extensa, fez-se necessária uma pausa para descanso. Chegando na estação de Rivera (Figura 2), avistava-se uma edificação térrea de duas águas e um grande largo de concreto. Essa apresentava uma tipologia diferenciada se comparada com o estilo arquitetônico das estações da época, que na maioria das vezes era marcado pela arquitetura eclética do início do século XX.



Figura 2: Estação de Rivera, Uruguai. Fonte: Autora, 2019.

Quase não circulavam pessoas por ali, um silêncio absoluto. No entorno da estação haviam galpões, trilhos de trem e poucas residências. A Estação estava fechada, mas o portão ao lado aberto, dando acesso à plataforma de embarque. Havia objetos originais da época, como bancos de madeira, bebedouro e o sino. A edificação estava bem conservada, junto a essa mora um senhor, o xefe da estação. O trem de carga segue atuando em Rivera e, naquele mesmo ano, o transporte de passageiros havia sido reativado. Este funciona de segunda a sexta, uma vez por dia, até a cidade de Tacuarembó/UY. A sensação naquele território era diferente, não uma pausa, mas uma forma de resistência ao tempo. A estação retoma com sua função original, recebendo aos poucos os usuários para as viagens de trem.

As edificações fechadas, ou aparentemente abandonadas, revelam muito mais do que podemos ver. É preciso mergulhar nesses territórios, sentir como o simples vazio te afeta, ouvir o que o silêncio quer dizer, ser invadida por sentimentos que não foram contados em nenhum lugar, mas vividos no local. As descobertas no caminho são imprevisíveis, não se pode “pré-ver” tudo o que vai acontecer. Derrida (2012) afirma que um *acontecimento* propriamente dito, só é possível quando é do tipo passivo, onde não se pode ver o que vem. O *acontecimento* é imponderável, inesperado e surpreendente.

A cartografia permite explorar lugares não comuns, que manifestam suas potências sutilmente, que fazem pensar, refletir e imaginar possibilidades. O abandono das estações férreas persiste naqueles territórios, de forma oculta, invisível e imaterial. Os territórios em seu entorno revelam muito mais do que a própria edificação, que recebe um novo uso ou a retomada dele. Há uma tentativa de ressurgir, ressignificar, reavivar aquele território. Uma vontade de resgatar a

história da cidade, pelo fortalecimento do que permaneceu na memória de quem viveu aquele período, mas também, pela produção de afetos em quem percorre aqueles espaços nos dias de hoje.

4. CONCLUSÕES

O abandono de estações férreas nas cidades-gêmeas de Santana do Livramento e Rivera se manifesta pelas instâncias daquilo que permaneceu no tempo. O indivíduo, a comunidade e a cidade se apropriam de diferentes formas e intensidades desses lugares, em teoria, ativos. Cada encontro com o abandono das estações férreas revela sentimentos distintos, únicos e singulares, mas que são construídos a partir de um conjunto de subjetividades. São características que sempre estiveram ali, mas que precisam ser escritas e faladas para gerar a compreensão de que o abandono desses espaços é complexo e múltiplo, e não pode ser entendido apenas por sua materialidade, enquanto objeto patrimonial.

As subjetividades presentes em um território estão ancoradas em múltiplos agenciamentos numa experiência de campo. Não se trata de uma narrativa individual, mas de uma força coletiva que atua nesses espaços, que é acoplada pela pesquisadora-cartógrafa-arquiteta-urbanista que perambula pelo território fronteiriço. A análise cartográfica é complexa, requer um conjunto de elementos que, sobrepostos a outras informações, auxiliam no processo da produção do conhecimento de uma pesquisa qualitativa. O estudo segue em desenvolvimento por meio do agrupamento de investigações, ideias, conceitos e referências capazes de visibilizar as potencialidades desses lugares na fronteira Brasil-Uruguay.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia 2.** Vol 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011. 2 ed.

DERRIDA, J. **Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível (1979 – 2004).** Organização Ginette Michaud, Joana Masó, Javier Bassas. Tradução Marcelo Jacques de Moraes. Revisão técnica João Camillo Penna. Florianópolis: Ed. da UFSC: 2012

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2015. Cap. 1, p. 17-31.

ROCHA, E. **Arquitetura do abandono (ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e da arte).** 2010. 263 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ROCHA, E.; AZEVEDO, L. N.; ALLEMAND, D. S.; HYPOLITO, B. B.; TOMIELLO, F. **Cross-Cult: Desenho Urbano/Urban Design – Pelotas/RS e Oxford/UK.** Pelotas: UFPel, 2016.